

Editorial

Cómo citar: Sussekind, M. (2020).
Formação, formatação e as infinitas
formas de ação. *Praxis Pedagógica*, 20(27),
1-4. [http://doi.org/10.26620/uniminuto.
praxis.20.27.2020.1-4](http://doi.org/10.26620/uniminuto.praxis.20.27.2020.1-4)

ISSN: 0124-1494

eISSN: 2590-8200

Editorial: Corporación Universitaria
Minuto de Dios - UNIMINUTO

Recibido: 15 de julio de 2020

Publicado: 20 de agosto de 2020

Conflicto de intereses: los autores han
declarado que no existen intereses en
competencia.

Formação, formatação e as infinitas formas de ação

Um Editorial que tencione em sua contextualidade, atualidade e contemporaneidade a formação das professoras, professorxs e professores é uma escrita arriscada. Riscos que envolvem desde o reconhecimento da *uberização* do trabalho aos desafios impostos pelo ensino remoto na pandemia, mas que não podem desprezar os mapas abissais que historicizam e interseccionam a tão criticada formação de professores.

Na pauta do dia, há que dizer sobre relações de opressão sobrepostas, numa síntese tentadoramente perfeita daquilo que os movimentos teóricos procuram entender como interseccionalidade (CRENSHAW, 2002). Segundo Kimberlé Crenshaw a interseccionalidade constitui também um desafio, pois ela aborda diferenças dentro da diferença e nos obriga a assumir que “existe um jeito certo de estar na Terra, uma concepção de verdade que guiou muito das escolhas feitas em diferentes períodos da história” (KRENAK, 2019, p.8). E percorrendo territórios nas guerras permanentes por esse mapa abissal, cujas linhas se movem e sustentam

agências e instituições (...) configuradas e mantidas como estruturas dessa humanidade. E nós legitimamos a sua perpetuação, aceitando suas decisões, que muitas vezes são ruins e nos causam perdas, porque estão a serviço da humanidade que pensamos ser. (KRENAK, 2019, p.8)

Enquanto populariza-se a tendência de descolonizar, conhecimentos, currículos, as escolas, universidades e a formação, a tangencia a assunção de que os conhecimentos que se configuraram como ocidentais, eurocêtricos,

Maria Luiza Sussekind Verissimo
<https://orcid.org/0000-0002-7296-615X>.
Universidade Federal do Estado
do Rio de Janeiro
m LuizSussekind@gmail.com



capitalistas, coloniais, brancos e heteropatriarcais se tornaram hegemônicos. Nesse lugar de poder, tendo imensa preguiça de *re-conhecer* a pluralidade do mundo, acabam por desperdiçar sua humanidade. Assim, se reconhece único, melhor, total e, até mesmo, neutro. Torna-se não só hegemônico, mas único (SANTOS, 2001). Na disputa fronteiriça, resistindo à belicosidade da *máquina barulhenta e expansionista* (CERTEAU, 1994) há corpos, vozes e ações dissidentes que põem fim à Natureza como ordem de sujeição e demandam um novo contrato social. Em que seja possível “aceder a todas as práticas significantes, assim como a todas as posições de enunciação, enquanto sujeitos, que a história determinou como masculinas, femininas ou perversas” (PRECIADO, 2017, p.21).

Resistências, movimentações e deslocamentos, que evocamos como *revoluções subalternas* (PRECIADO, 2019), enfrentam, borram e empurram as linhas desse mapa de opressões múltiplas, abissais, desenhado pelo o capitalismo, colonialismo, patriarcalismo e fundamentalismos e, distopicamente, diatopicamente, nos comprometem com a produção de presenças, de existências, de vidas, em relações de solidariedade também descolonizadas e humanizadas através do reconhecimento da diferença.

Apostamos nos currículos da formação de professores como território de valorização do pensamento que acredita na diferença e assim provoca deslocamentos e desnaturalizações e desinvizibilizações que agem no sentido de texturizar as conversas sendo necessariamente plurais. E por isso, ousam, metodologicamente, multiplicar as vozes e os aprenderes em *praticasteoriaspraticas* curriculares que se implicam numa formação dos professores historicizada, cosmopolita (PINAR, 2012) e enredada (ALVES, 2003). Esse tem sido nosso compromisso como formadores de professores, inspirados por “reconstruções cambiantes” (DERRIDA, 2014) e “heranças” que considerem menos a universidade moderna (DERRIDA, 2003) e mais a *amorosidade e a justiça derrideanas* (SKLIAR, 2008, p.17) que os leva a entender que há que ousar e criar metodologias que arrisquem, por meio de conversas, a capturar essas invenções cotidianas, solidariamente. Consequentemente, tomamos os currículos como conversas complicadas que se desdobram em uma profusão de narrativas que podem ser “interpretadas sob a ideia de travessias curriculares, políticas, epistemológicas e metodológicas de formação e autoformação de professores”

(SÜSSEKIND; LONTRA, 2016, p. 87) sempre como travessias únicas, inéditas e humanas, coletiva, cooperativa, mas não comum (SÜSSEKIND, 2014). Assim, entendemos que a *formação* assim como o *currículo* “não é que algo passe da imobilidade ao movimento” (SKLIAR, 2014, p. 26), e, nesse sentido, o professor é um artista, e “a conversa complicada é o seu meio” (SÜSSEKIND; PINAR, 2014, p 16). Assim,

quando buscamos horizontalidade e copresença com os saberes e com os não saberes, as travessias curriculares se constituem como *espaçotempo* de descobertas, de aprendizagem diversificada, de (des)formação significativa e provisória do ser professor (Süssekind; Lontra, 2016, p.93)

Num contexto de ataques à democracia, ao republicanismo, de criminalização dos conhecimentos e daqueles que têm sua criação por ofício, faz-se urgente investir teoricamente, metodologicamente e epistemologicamente numa formação de professores que trabalhe com a resistência no sentido da ontologia da pessoa ordinária, como fez Michel de Certeau (1994). De acordo com o autor, as pessoas comuns, ordinárias – como professores e estudantes – foram mal interpretados como consumidores passivos de ideias. Seria, assim, um erro considerá-los capazes de copiar ou reproduzir livros, conhecimentos, ditados, listas, planejamentos de aulas ou currículos. O reuso, a reinvenção são *espaçotempos* de abundância de oportunidades e astúcias que o cotidiano, em sua riqueza e insubordinação oferece para que as *pessoas comuns* possam inverter, subverter, reverter e criar suas práticas e táticas de uso do que lhes é imposto. Assim, em sua *ordinariedade*, em sua *comum-nidade*, vivendo em comunidade (onde o homogêneo é epistemologicamente inviável e politicamente indesejável) pessoas comuns inventam ideias, interpretações, significados e currículos diferentes todo tempo, em movimentos de bricolagem, negociação e acordo, mas não de unificação/homogeneização. Contra qualquer forma de pensamento único, contra a redução das escolas e da formação ao ensino, contra a redução do currículo ao conteúdo, contra as políticas de barateamento, vulnerabilização e demonização da formação e da docência, contra o controle patriarcal sobre os currículos escolares e a idolatria de resultados, contra a *EaDização* da formação superior, contra o antintelectualismo e as práticas divisionistas e negacionistas do fascismo que estimulam projetos de escolas militarizadas e de *homeschooling* e tantos outros sufocamentos e silenciamentos, nos resta dizer: BASTA.

Referências

- Alves, N. (2013). Sobre movimentos das pesquisas nos/dos/ com os cotidianos. TEIAS: Rio de Janeiro, ano 4, nº 7-8, jan/dez 2003. <http://www.periodicos.proped.pro.br/index.php/revistateias/article/viewFile/209/208>>. Acesso em: 7 jul. 2015.
- Certeau, M. (1994). A invenção do cotidiano: artes de fazer. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Vozes.
- Crenshaw, K. (2002). “Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero”. *Revista de Estudos Feministas*, v. 7, n. 12, p. 171-88.
- Derrida, J. A. (2014). *escritura e a diferença*. São Paulo: Perspectiva.
- Derrida, J. A. (2003). *universidade sem condição*. São Paulo: Estação Liberdade, 2003.
- Krenak, A. (2019). *Ideias para adiar o fim do mundo*. Rio de Janeiro: Companhia das Letras.
- Preciado, P. (2019). Ser trans é cruzar uma fronteira política. El Brasil. https://brasil.elpais.com/brasil/2019/04/09/cultura/1554804743_132497.html
- Preciado, P. (2017). *Manifesto Contrassexual*. São Paulo: n-1 edições.
- Pinar, W. (2012). *What is curriculum theory?* New Jersey: Lawrence Erlbaum.
- Santos, B.S. *Crítica da Razão Indolente: Contra o desperdício da Experiência*. Cortez, 2001.
- Skliar, C. O. (2014). *ensinar enquanto travessia: linguagens, leituras, escritas e alteridades para uma poética da educação*. Salvador: EDUFBA. 179 p.
- Süssekind, M. L; Lontra, V. *Narrativas como travessias curriculares: sobre alguns usos da pesquisa na formação de professores*. Roteiro, v.41, n.1, p.87-108, 23.
- Süssekind, M. L. (2014). As (im) possibilidades de uma Base Comum Nacional. *Revista e-curriculum*, v. 12, n. 3.